



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**KERIMA ZACCOLO CODA**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-256

**Entrevistado:** Kerima Zaccolo Coda

**Nascimento:** 16/04/1960

**Local da entrevista:** residência da entrevistada

**Entrevistador/a:** Luciane Silveira Soares

**Data da entrevista:** 09 de março de 2012

**Transcrição:** Tuany Begossi e Leila Carneiro Mattos

**Copidesque e Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner e Luciane Silveira Soares

**Total de gravação:** 45 minutos e 30 segundos

**Páginas Digitadas:** 15

**Observações:** Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Luciane Silveira Soares intitulada “Memórias em Movimento: histórias do Grupo de Dança da UFRGS” desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento da entrevistada com o Grupo de Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Criação do Grupo; Seleção como bailarina do Grupo; influência do Grupo na sua trajetória profissional; processo de criação coreográfica do Grupo; principais coreografias; cenário da dança em Porto Alegre; Encerramento das atividades do Grupo.

Porto Alegre, 09 de março de 2012. Entrevista com Kerima Zaccolo Coda a cargo da pesquisadora Luciane Silveira Soares para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.S. - Eu queria saber qual o teu tempo de permanência no Grupo de Dança da UFRGS<sup>1</sup>?

K.C. - No Grupo de Dança eu entrei em 1978 e fiquei até 1982.

L.S. – Antes de terminar?

K.C. – Antes de terminar. Em 1982 eu só me afastei porque nasceu a minha filha. Depois eu retornei, mas eu não tinha mais aquele compromisso com eles porque que como ela era neném. Eu fazia aulas, mas não me comprometi mais na apresentação. A última foi em 1983 e eu já tava meio fora, mas de 1978 a 1982 participei de tudo.

L.S. – E tu és formada na ESEF<sup>2</sup>?

K.C. - Não! Eu sou formada em Biologia pela PUC<sup>3</sup>.

L.S. – E como tu soubeste do Grupo?

K.C. – É, porque eu me formei no balé em dezembro de 1977.

L.S. – Com quem?

K.C. – Na Escola Maria Julia da Rocha<sup>4</sup> e ai eu queria continuar dançando e no jornal tinha um anuncio: A ESEF seleciona bailarinos para o Grupo de Dança da UFRGS, pois a Morgada queria, além daqueles alunos da ESEF da Educação Física, alguns bailarinos de fora então ela fez uma seleção e eu entrei.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> Maria Julia da Rocha foi professora de Balé Clássico em Porto Alegre/RS.

L.S. – Tu já conhecias a Morgada<sup>5</sup>, o trabalho dela?

K.C. – Não! A Morgada eu conheci lendo no jornal alguma coisa que falava sobre o Grupo, ele começou em 1976 e não tinha aquela coisa da dança mesmo, da apresentação. Ela estava iniciando e minha linha era outra, eu fazia o balé clássico nunca me liguei muito e quando terminou o balé eu queria outras coisas, eu era muito novinha, então, na época tudo eu queria entrar. Quando eu me formei eu fiz a Tony<sup>6</sup> fiz curso com professores que vinham de fora tudo e aí ingressei no curso de dança e fiquei.

L.S. – E tu lembras como foi a audição?

K.C. - Me lembro! Ela se apresentou e pediu para que todos copiassem os passos que ela deu. Então ela deu uns passos assim básicos depois uma música e nós tínhamos que criar alguma coisa dentro daquela música. Ela estava vendo se aqueles que estavam ali, novos, conseguiam ter alguma coisa de dança, porque algumas vezes tu tecnicamente és ótima mas não dança nada, e ela pegou essa seleção e depois deu uns passos para criarmos: de salto, alguns instrumentos de mão, que ela sempre gostou, deu uma bola para fazermos alguma coisa com bola, e a gente foi fazendo, então, nesse grupo no final aquelas que já eram do Grupo que estavam assistindo selecionaram aqueles que tinham mais habilidade

L.S. – E tinham muitas pessoas na audição?

K.C. – Tinha muitas pessoas, eu me lembro que estava lotada a sala, mas tinham muitos alunos da própria ESEF pois para eles contava como parte das atividades extra classe também. Nesse grupo, naquele dia, não me lembro, mas acho que cinco alunos ficaram, não foram muitos alunos de fora os selecionados. Os da ESEF eles ficavam um tempo, faziam aula, não se agradavam muito e saíam, tinha uma rotatividade, mas o núcleo permanecia.

L.S. – Tu entraste no Grupo, bom! Era um trabalho diferente do que tu vinhas fazendo como foi a adaptação a este trabalho?

---

<sup>5</sup> Morgada Assumpção Cunha, professora da Escola de Educação Física e Diretora do Grupo de Dança da UFRGS

K.C. – Diferente porque não era tão assim disciplinar e rígido. Dentro daqueles nove anos de balé que eu tive era a disciplina do balé e era bem mais difícil, então, para mim no início foi uma coisa mais *light*, mais tranquila. Mas como a Morgada foi vindo que já estava com um grupo, que já tinha certa qualidade técnica em relação ao início, ela foi exigindo que cada aluno que tivesse uma habilidade para dar aula, poderia fazê-lo, então, uma vez por semana eu dava aula de balé. Eu não senti tanto a mudança porque ela fez nós usarmos essa habilidade para trabalharmos dentro do Grupo. A Margareth<sup>7</sup> dava aula, ela fazia balé clássico também, a Margô<sup>8</sup>, então, fazíamos alguns movimentos do balé para ajudar, inclusive usando sapatos de ponta... Até hoje, semana passada a Leci<sup>9</sup> disse: “eu só usei sapato de ponta no Grupo eu nunca mais quero usar”... Mas só para dar aula, não para apresentar, mas o que eu senti muita diferença foi essa coisa de trabalhar o corpo solto isso é muito difícil agora já é mais fácil, mas na época era muito difícil porque o balé é aquela coisa da postura, da posição, então, o soltar o fazer até os laboratórios, que fazíamos bastante, de se olhar no espelho aquilo foi difícil para mim, mas foi um aprendizado muito legal.

L.S. – E como era a rotina do Grupo?

K.C. – A rotina, nós tínhamos a segunda, quarta, sexta e sábado; o primeiro momento tu chegavas era uma aula, então, o que eu digo, cada dia da semana um dava a aula, depois que o Adans<sup>10</sup> entrou, o Adans dava aula de Martha Graham<sup>11</sup>.

L.S. – Quando tu entraste o Adans já estava?

K.C. – Não! Entrou depois. Nós já tínhamos um grupo mais coeso quando ele entrou. Ele veio também por ouvir alguém falar para ele que estava acontecendo o grupo na ESEF e era uma aula na barra, dava aula na barra depois fazíamos um exercício no centro a

---

<sup>6</sup> Antônia Seitz Petzhold.

<sup>7</sup> Margareth Leyser, ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS

<sup>8</sup> Margô Leni Taube, ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS

<sup>9</sup> Leci Ranzi, ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS

<sup>10</sup> Adans Marroquín, ex integrante do Grupo de Dança de UFRGS, professor e coreógrafo.

<sup>11</sup> Referência ao estilo de Martha Graham de dança moderna estruturada entre os anos 20 e 30 do século XX na América do Norte.

Morgada também passava muitos exercícios mais de dançar mesmo, de saber ligar um movimento ao outro, então, é muito difícil para quem nunca dança; é complicado e depois fazíamos um intervalinho e ela entrava com as coreografias, então, com a criação dela mesma sempre tinha aquela aulinha nem que fosse de uma hora, uma hora e meia, quando estávamos mais próximas do espetáculo eram ensaios direto.

L.S. – Era uma rotina quase profissional?

K.C. – Profissional! Mesmo não sendo ainda, porque aqui não tinha nenhum grupo assim, foi a partir dele que surgiu o Imbahá<sup>12</sup>, o Terra<sup>13</sup>, depois que apareceram esses grupos, mas era uma rotina que exigia essa disciplina essa coisa de manter, de fazer aula, ensaio e de se comprometer, sendo que às vezes, a gente ficava meio que na moleza mesmo [risos].

L.S. - Hoje com o teu conhecimento em dança como tu caracterizaria o Grupo de Dança da UFRGS? Em que modalidade de dança tu conseguirias caracterizar esse Grupo?

K.C. – Pois é! Seria uma dança moderna porque ela não é puro contemporâneo, ela é uma dança livre moderna, na verdade ela até seria dança teatro porque todas as coreografias da Morgada tinham que contar alguma coisa; não era uma coreografia somente, ela expressava alguma coisa pela dança, ela queria falar alguma coisa, então, eu acho que ela seria um teatro dança mais para o moderno do que para o clássico mesmo ou contemporâneo puro, porque ele não é um contemporâneo é mais uma mistura, um moderno, eu acho seria uma dança moderna, mas um teatro dança. Ela gostava muito da expressão, até hoje ela sempre fala da expressão, aquela coisa de estar representando alguma coisa porque sempre tinha uma história, todos os espetáculos dela tinham uma história.

L.S. – E o que mudou com a entrada do Adans, que tipo de colaboração tu achas que ele deu?

---

<sup>12</sup> Imbahá Grupo de Dança. Grupo de dança contemporânea criado por Lenita Ruschel Pereira em 1982.

<sup>13</sup> Terra Companhia de Dança do Rio Grande do Sul. Grupo de dança contemporânea criado em 1981 por um grupo de bailarinos gaúchos.

K.C. - Eu acho que o Adans trouxe uma dança diferente, nós nunca tínhamos trabalhado a técnica de Martha Graham, que é a parte do abdominal, a partir do trabalho interno para fora, uma sexta posição mas com movimentos de braços delicados, então, foi um aprendizado totalmente novo para todas ali. Ele trouxe movimentos delicados e fortes, uma coisa bem específica do Adans.

L.S. – Como ele conseguiu trabalhar com a Morgada? Os dois coreografavam?

K.C. – Ela tinha as coreografias dela. Na verdade ele veio, fez uma aula e ai ele passou para ela o conhecimento dele e começou a dar aulas para o Grupo. Nesses movimentos de aula ela se encantou com os movimentos e pediu para ele montar uma coreografia, então, ela fazia assim: uma vez na semana ele trabalhava a coreografia dele, os passos dele porque ele tinha que fazer um laboratório antes pois tínhamos que aprender a fazer movimentos diferentes, não era nem clássico porque a Martha Graham é uma linha contemporânea, mas um contemporâneo que não é tanto de se atirar no chão de se atirar na parede como eu digo [risos]; ele é um movimento delicado e forte, então ele dava aula uma vez por semana, era ele que trabalhava e os outros a Morgada eles se dividiam até hoje é assim.

L.S. – E como funcionavam os laboratórios?

K.C. – Os laboratórios, quando ela queria introduzir alguma coisa ou começar uma coreografia ela já vinha com aquela coisa na cabeça. A Morgada é assim: já vem com aquela coisa na cabeça... “Hoje nós vamos fazer o laboratório de expressões”, por exemplo, faciais, de brava, disso, daquilo, ela dizia o que ela queria e nós fazíamos muitas vezes, tinha que fazer na frente do espelho, “ah! se olhem”; outras era de movimento corporal, movimentos lentos, rápidos. Quando fizemos a Colméia: “vocês se imaginem uma abelha”, primeiro vem a brincadeira, mas isso eram os laboratórios, ela pedia alguma coisa e nós tínhamos que buscar dentro da gente aquilo ali e isso é muito difícil, temos que sair daquela caracterização e entrar no perfil que está tentando trabalhar, o laboratório era assim.

L.S. – E era para a criação das coreografias?

K.C. – Para criação.

L.S. – Então vocês participavam do processo criativo?

K.C. - Do processo das coreografias.

L.S. – Vocês se sentiam participantes das coreografias?

K.C. – Sim, ela pedia assim: “agora eu quero o movimentos de perna”, então, ela deixava livre para fazermos os movimentos, quando ela gostava de alguma coisa que poderia entrar na coreografia, nós também participávamos da criação, ela buscava aquele movimento que ficava mais harmônico na coreografia e introduzia.

L.S. – Falando agora um pouco das coreografias, das que tu dançaste quais as que tu destacarias e os por quê?

K.C. – Ah! Eu destacaria a dança dos véus. Fizemos uma coreografia que era os véus, era muito bonito porque trabalhava a sombra da pessoa atrás do pano, era um véu mesmo, uma seda, então, era um movimento assim que ficava muito efêmero; uma coisa assim bem interessante que não tinha na época, hoje em dia tu olhas todo mundo faz na época ninguém tinha explorado.

L.S. - Esse era o nome da coreografia?

K.C. – Era os véus<sup>14</sup>, eu não me lembro do nome do espetáculo, mas eram várias coreografias utilizando sempre alguma coisa ou eram bolas ou eram véus ou eram arcos, eu não me lembro mais o que usamos, tinham bastões eram algumas coisas não sei se existiam olimpíadas naquele ano, então todas as coreografias tinham alguma particularidade que tu tinhas que pegar, tinhas que fazer, tinhas que rolar junto e uma delas

---

<sup>14</sup> Referindo-se a coreografia intitulada Héteros de 1979.

era os véus que era muito bonito éramos em cinco e a Lucélia<sup>15</sup>, eu, a Margô e a Margareth e tinha mais uma menina não lembro agora quem era... Eu acho que era a Fátima<sup>16</sup> que nunca mais conseguimos encontrá-la... A malha era toda preta e cada uma tinha um véu de uma cor, então, claro fazia um jogo legal. Outra foi Lúmen que era a vela, até hoje eu nunca vi uma coreografia igual a essa justamente por ser diferente não sei se já te falaram nela. Maravilhosa pela criação do Lúmen eu acho assim maravilhosa a coreografia.

L.S. – Essa foi para o aniversário da filha da Morgada?

K.C. - Não me lembro, acho que foi sim. A Margareth era o pavio e nós ficávamos dentro da vela, uma coisa assim que ela teve que criar para dar aquela visão cênica do que estava acontecendo ali. Até hoje não vi igual, acho uma coisa bem criativa, bem cênica e a Colméia achei, assim, espetacular: a ideia de colocar uma colméia em cima do palco, porque tiveram outras coreografias interessantes, o Brasileiro<sup>17</sup> que fizemos uma coisa que são de músicas conhecidas, mas tu vêes que são dancinhas, entende, é interessante é bonito, é alegre mas a Colméia ela colocou uma colméia em cima do palco.

L.S. – E como foi o processo de vocês criação? Enfim, foi uma Colméia?

K.C. – Foi uma Colméia! Exatamente. Isso ela já tinha em mente, por exemplo, quem seria a rainha, quem seria o zangão, fora isso éramos as operárias, então, como eu te disse sobre os movimentos: “agora vocês vão ser uma abelha, vão criar, fazer movimentos que pareçam uma abelha voando, andando, inclusive os movimentos dentro das colméias ela não especificou, tu faz isso tu faz aquilo, não, eu quero que vocês trabalhem dentro da colméia então foi a criação de cada um bem legal.

L.S – Quanto tempo de duração tinha tu lembra mais ou menos?

K.C. - A dança... Não me lembro porque foi no mesmo ano que o Adans teve uma coreografia dele também era muito bonita que não me lembro o nome. Lindíssima, era tudo bem *light*, eu acho que a Colméia tinha uma meia hora ou mais não me lembro.

---

<sup>15</sup> Lucélia Adami Nunes, ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

<sup>16</sup> Maria Fátima Gomes, ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

L.S.- Ela falou de onde veio a inspiração para fazer essa coreografia?

K.C – Não, ela simplesmente chega com a coreografia: “eu quero fazer tal coisa, não me lembro só sei que nós vamos criar uma colmeia”. Outro dia estava lembrando como é que ela mandou fazer aquilo lá, que infelizmente ficou atirado lá no pátio da ESEF, mas era uma coisa muito legal.

L.S. – E todos do Grupo dançavam?

K.C. – Todos dançavam, na época todos que estavam no Grupo dançavam dentro das suas condições, tinham que subir, tinham que escalar, descer, também deixava roxo as pernas, não era legal [risos].

L.S – Quem era o zangão e quem era a rainha?

K.C.- Acho que o Gilson<sup>18</sup> foi o Zangão... Como era o nome dele um baixinho... Porque o Gilson também fez uma parte depois entrou esse menino não sei se ele não pode continuar e a Silvana<sup>19</sup> era a Rainha. Ela está morando nos Estados Unidos, veio dos Estados Unidos. Ela era a Rainha, depois tinha a Eloí<sup>20</sup>, que mora na Argentina, ela tinha que fazer essa jogada porque se às vezes alguma não podia.

L.S – Mas foram muitas apresentações da Colméia?

K.C- Foram não me lembro quantas, mas foram, me lembro que apresentamos bastante a Colméia.

L.S. – E para transportar, devia ser complicado.

---

<sup>17</sup> Referindo-se a coreografia Brasiliando 1982.

<sup>18</sup> Gilson Petrillo. Ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS

<sup>19</sup> Silvana Maria Ribeiro. Ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

<sup>20</sup> Eloí Neubert. Ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

K.C.- Ah! Sim eles eram blocos assim sextavados separados depois tinha que chegar num lugar e montar, então, ela tinha que ter a Kombi da UFRGS para tentar transportar, mas geralmente eles se apresentavam ali na Assembleia<sup>21</sup>, então, geralmente era num palco que podia comportar aquilo ali.

L.S.- E em comparação à cena da dança de Porto Alegre da época, tu vê o Grupo de Dança da UFRGS isolado dos demais grupos de dança da cidade ou não?

K.C.- Não! Eu acho que ele foi um dos primeiros grupos nessa linha, uma coisa assim diferente porque primeiro ele era visto como um grupo de dentro da faculdade - O pessoal da Educação Física - e os outros eram grupos que estavam surgindo, que vieram de escolas de dança, então, claro eles se acham assim: “nós temos tecnicamente muito mais condições que o Grupo de Dança da UFRGS” até o momento que eles começaram a assistir aos espetáculos. Sim porque se tu fores comparar a técnica, se tu fores comparar técnica de um bailarino que dança há 10 anos, tu não podes comparar com um bailarino que começou a dançar adulto, mas existia toda a cenografia, tudo isso que a Morgada trabalhava compensava as falhas técnicas, que eram movimentos, os instrumentos, aquela coisa bem cênica não sei se era diferente, mas era uma outra linha de grupo, sempre existiu essa rivalidade por ser um grupo de dentro da faculdade e não de uma escola de dança. Sempre existiu este certo preconceito, mas o espetáculo sempre surpreendeu.

L.S. – Para vocês o que significava estar vinculada à Universidade?

K.C. – A Universidade tinha o nome e as condições administrativas para fazermos os espetáculos porque dentro da UFRGS a Morgada conseguia verba para fazer toda a parte cênica, os vestuários... Nós até tínhamos uma caixinha para termos um dinheiro a mais, mas essa facilidade econômica do Grupo estar dentro da faculdade, ao mesmo tempo ter o nome da UFRGS, significava estar dentro de um órgão federal não era pouca coisa; isso nos dava uma condição melhor para levarmos os espetáculos é bem mais fácil que um grupo particular.

---

<sup>21</sup> Referência ao Auditório da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre

L.S. – Vocês se comunicavam com os outros grupos?

K.C. – Sim. Eu, por exemplo, era do Grupo e fazia aula com a Tony Petzhold ao mesmo tempo, ela tinha Phoenix. Eu não dançava com eles só fazia aula.

L.S. – Falando da dança de uma forma mais geral, qual contato com a dança do Estado e do Brasil que vocês tinham?

K.C. – Nós ficamos mais centrados em Porto Alegre. Nós tínhamos notícias de grupos de dança moderna, contemporânea que na época estavam “bombando”,então, quando vinham a Porto alegre o Grupo todo ia assistir: o Grupo Corpo<sup>22</sup>, Stagium<sup>23</sup>, eram apresentações que nós assistíamos e víamos que não estávamos tão fora do que eles estavam fazendo, sendo que eles tinham toda uma técnica que o Grupo não tinha, mas coisas cênicas não ficavam a desejar ao que eles faziam, mas na época era a explosão do contemporâneo, do moderno.

L.S. – O que culminou no término do Grupo?

K.C. – Eu acho principalmente a incompatibilidade de gênios. A Morgada passava uma fase difícil da vida dela e a dificuldade mesmo dentro da faculdade em conseguir mais verbas; ela começou a ficar cansada de esperar, ela estava começando a se estressar com a burocracia, mais a situação familiar dela, foi uma situação que ela transportou para dentro do Grupo, só que o estresse dela era por qualquer coisa, tudo ficava ruim. Às vezes ocorriam apresentações de última hora e nem sempre todas podiam participar, eram todas profissionais a maioria estava se formando, já tínhamos a obrigação de uma profissão. Quando começou o Grupo todo mundo era estudante, quando acabou éramos quase todos formados, tínhamos que buscar nosso espaço e essa dedicação começa a ficar diferente como ela queria que fosse. O dinheiro que entrava ficava para o Grupo, para as despesas, nós não vivíamos daquele dinheiro e isso começou a se tornar difícil e muitas vezes ela não aceitou o fato de não deixarmos de fazer alguma coisa para ir para o Grupo, ela queria que

---

<sup>22</sup> Grupo Corpo. Grupo de dança contemporânea fundado em 1975 pelos irmãos Paulo e Rodrigo Perdeniras em Belo Horizonte/MG.

<sup>23</sup> Ballet Stagium. Grupo de dança contemporânea fundado em 1971 por Marika Gidali e Décio Otero em São Paulo/SP;

nos entregássemos mais. Mesmo com a gente criando na hora da apresentação, era o que a Morgada queria, e aí claro no início tínhamos 18 anos e no final mais de vinte e questionávamos: “por que não fazemos diferente?” Quando o Grupo terminou foi mais uma incompatibilidade com a Morgada porque tentamos continuar, mas não tínhamos o suporte da UFRGS. Fomos para o Araújo Vianna<sup>24</sup>, mas tinha a vida profissional de cada uma e era tarde ali era perigoso, não tínhamos nem o suporte econômico nem o nome da UFRGS para manter aquele Grupo e foi cada um para o seu lado. Se nós tivéssemos mais maturidade talvez o Grupo não tivesse se desfeito.

L.S. – O teu papel dentro do Grupo?

K.C. – Bailarina, professora e tesoureira. Nós íamos mudando, fiquei um bom tempo como tesoureira. Tinha um caderno onde controlávamos o dinheiro que entrava e saía, tinha uma caixinha onde cada um pagava, tínhamos documentado a compra de roupas etc.

L.S. – Para ti o que significou fazer parte do grupo de Dança da UFRGS?

K.C. – Uma experiência na convivência entre as pessoas. Uma coisa é conviveres dentro de uma escola de balé onde todos fazem a mesma coisa desde pequenos, outra é tu entrares num grupo bem eclético, cada um de um jeito e adultos; cada um vem de uma escola, então a convivência até com culturas diferente, como o Adans e uma outra menina que também veio de fora do país. E a experiência de dançar danças diferentes, de usar o corpo e a parte cênica, eu não havia trabalhado com instrumentos acho que foi muito criativo me despertou em coisa que eu nunca pensei que tivesse potencial para fazer e, como na época eu também dava aulas de balé, eu utilizava muito essa coisa da percepção, de fazer a criança sentir, isso eu aprendi ali. Até então o balé clássico não tinha me ensinado, foi muito bom para mim. Eu cheguei um peixe fora d’água, eu não conhecia ninguém, eu tinha 17 anos, eu tinha acabado de entrar na faculdade, tinha que ter 18 anos para entrar e eu disse que em abril faria os 18 anos, a audição foi em março e ela aceitou. Eu lembro que a primeira pessoa que falei foi a Lucélia e até hoje somos amigas, e disse: “eu nunca tinha

---

<sup>24</sup> Auditório Araújo Vianna em Porto Alegre.

feito uma audição tão diferente”. E ela disse: “mas tu foste a melhor, já estás dentro” [risos].

L.S. – Tu continuaste trabalhando com dança?

K.C. – Mais ou menos. Uma época eu dei aula de dança, depois eu parei, comecei a dar aulas de biologia num curso supletivo à noite, mas sempre fazendo aulas até descobrir a dança flamenca. Quando eu entrei para dar aula na ACM<sup>25</sup> onde eu dou aula até hoje, eu montei um grupo de dança com os alunos, durou alguns anos e usei todos os conhecimentos que aprendi no Grupo. Cada grupo, conforme a idade, eu pedia para trazer a música que gostavam de dançar e eles traziam; eu utilizava a elaboração deles para fazer as coreografias e eles adoram por que não era uma obrigação. Cada evento que tinha na escola nós apresentávamos uma coreografia. Há três anos o grupo terminou pois não tinha mais sala para trabalharmos. Eu sempre dei um jeito de dançar, até que nos reencontramos e decidimos voltar com o Grupo.

L.S. – Então! Como foi este reencontro? Por que voltar?

K.C. – Na verdade eu nunca me desliguei muito da Morgada. Como eu fazia o flamenco desde 1996 com a professora Kalu<sup>26</sup>, sempre chamava a Morgada para olhar as coreografias dela e continuei encontrando com ela e a Lucélia que trabalha no Colégio Farroupilha comigo e a Helena<sup>27</sup> que foi professora de natação do meu filho e elas resolveram fazer o aniversário da Morgada juntando todos que pode. Neste jantar eu pensei que ia ficar só no papo e eu estava na praia quando a Lucélia me ligou e disse que já estavam ensaiando desde janeiro e quando eu voltei da praia em fevereiro fui atrás delas para dançar, mas a Morgada tinha montado o espetáculo para um número determinado de pessoas mas neste meio tempo saíram umas duas ou três e eu entrei. Eu achei muito legal, porque sempre teve este vínculo bem legal entre nós do Grupo. Nós sempre nos encontrávamos em espetáculos, mas no aniversário da Morgada conseguimos reunir um grupo maior. Este espaço de 30 anos não existiu entre nós quando voltamos. Como

---

<sup>25</sup> Associação Cristã de Moços.

<sup>26</sup> Referindo-se a professora de dança flamenca Carmem Preto.

<sup>27</sup> Helena Alves D’Azevedo, professora da Escola de Educação Física da UFRGS.

terminou uma coisa meio, meio bombástica no ar parece que tivemos que retomar isso aí para reparar. Mas não foi entre nós a situação estava difícil com a Morgada e a gente entende agora que ela é assim, que ela não vai mudar.

L.S. – Vocês não esperavam que o Grupo acabasse?

K.C. – Não! A idéia não era acabar, era de conversar e resolver os problemas que estavam acontecendo, só que simplesmente a Morgada pegou a bolsa e foi embora, isso ela faz até hoje, só que hoje sabemos como lidar com isso. Na época ela era o “cabeção”. Como íamos continuar uma coisa dentro da UFRGS sem a Morgada? Foi bem difícil e todo mundo ficou se olhando: e agora? Por isso tentamos continuar fora pois não queríamos terminar com o Grupo. Foi uma situação bem chocante. A Morgada estava tentando resolver as coisas dela, extravasou ali, não tínhamos nada contra ela, mas a situação em si, mas com o sistema, e não deu tempo. Foi muito estranho!

L.S. – Alguma causa para isso ter acontecido?

K.C. – Tinha toda a situação. A situação econômica administrativa que cansa. E ela cansou, mas ela podia passar algumas coisas para ficarmos responsáveis, a Margô que já era formada e fazia a especialização dela, tanto que ela ficou trabalhando na UFRGS. Ela poderia assumir o Grupo mas a gente tinha um respeito tão grande e temos até hoje pela Morgada que a gente nunca teve coragem de dizer: deixa que eu vou fazer alguma coisa e que ela não precisava mais fazer e na época éramos novos, hoje em dia a gente faz: “então está Morgada tu não precisas vir todos os dias aos ensaios, descansa”. Hoje já conseguimos discernir sobre isso até porque ela já está mais velha. Na época foi estranho para todo mundo mas agora a gente já começa a entender melhor como é a Morgada e como temos que agir com ela e para isso precisamos de muito tempo... 30 anos (risos) e ela não mudou! A gente é que melhorou (risos)

L.S. – Na época os grupos duravam pouco tempo, o da UFRGS teve um tempo consideravelmente longo em comparação dos outros...

K.C. – Eu acho até que os outros grupos esperam muita coisa e o nosso era mediano no sentido de ir até onde podíamos, vamos ver o que conseguimos se o Estado nos oferece alguma coisa. Não queríamos ser um mega grupo, as pessoas perguntavam: “como o Grupo Corpo consegue?” Mas era uma outra estrutura, nós nunca almejamos em ser um grupão mas sim manter aquele Grupo ali e o que nos favorecia era a UFRGS os outros grupos não tinham este vínculo.

L.S. – Vocês tinham conhecimento da existência de outro grupo dentro de alguma universidade?

K.C. – Não! Parece que em São Paulo existia um. Aqui existiam muitos grupos de folclore gaúcho. No IPA<sup>28</sup> existia um de dança folclórica.

L.S. – Estou satisfeita com as tuas informações, mas se quiseres complementar fica a vontade.

K.C. – Só quero dizer que acho muito legal essa relação que existe no Grupo e que se manteve até hoje, mesmo nos reencontrando tantos anos depois e ter aquela vontade de voltar a dançar o que se dançava na época; poderíamos fazer uma coisas totalmente diferente mas estamos seguindo aquela linha que já era uma coisa bem diferente, moderna mas com história, como agora “Os Desterrados”, nós mantivemos este vínculo, um grupo bem legal e parece que não existiu essa lacuna de 30 anos e foi num momento que cada um já tinha uma história de vida, alguns com problemas de vida, emocionais que este reencontro deu um *up* na vida e alguns. É vinculado o que gostamos de fazer que é dançar e é fazer o bem também para um grupo e entendermos que a Morgada vai ser sempre assim e que temos que saber lidar com ela. Agora estamos independente dela, ela foi o vínculo para nos unirmos e voltarmos a dançar, nós pensamos em voltar e ela disse que tinha uma coreografia, então, ela também tinha vontade de retomar. Ela é assim, só estava esperando. No início, a maioria estava sem dançar, não faziam mais nada, e ela exigiu muito no início, ela teve que ter clama para voltarmos a uma boa condição física da dança porque a

---

<sup>28</sup> Instituto Metodista Porto Alegre, hoje denominado Centro Universitário Metodista.

memória fica, a memória da dança não se apaga, tu tens dificuldade mas quem consegue continua. E vem mais por ai!!!.

[FINAL DO DEPOIMENTO]